



Cardiologistas e pediatras dão consultas em centros

Medida. Secretário de Estado garante que especialistas vão dar apoio nos cuidados primários em 2013. Telemedicina é outra das apostas

DIANA MENDES

Cardiologistas, pediatras ou psiquiatras são alguns dos especialistas hospitalares que vão poder dar consultas em centros de saúde ou, em alternativa, reunir com os médicos de família para dar consultoria ou aconselhamento no tratamento de doentes. Um terceiro modelo é o da telemedicina, que está já em fase-piloto em duas regiões. São exemplos de articulação entre os hospitais e os centros de saúde que o secretário de Estado Fernando Leal da Costa admite e que "vão permitir dar saltos qualitativos já em 2013", disse ontem em entrevista ao DN.

No dia em que foi apresentado o estudo coordenado pela Universidade Católica e Faculdade de Medicina de Lisboa, que conclui ser possível que 34% das consultas dos hospitais possam ser transferidas para centros de saúde, o secretário de Estado prefere não falar de transferências: "O que pode haver aqui é uma capacidade de tratar nos cuidados de saúde primários doentes que deviam estar aí a ser tratados."

Se o estudo tem por base respostas que podem ser atribuídas aos médicos de família, Leal da Costa é da opinião que é possível levar alguns especialistas aos cuidados de proximidade: "O que temos intenção de fazer, e as unidades locais de saúde são o terreno privilegiado para isso por integrarem hospitais e centros de saúde, é criar condições para pôr, onde e quando for necessário, consultas de especialidade em centros de



3,7 milhões de consultas hospitalares podem ser transferidas

saúde. Queremos aliviar as consultas dos hospitais e apoiar, sobretudo, as populações mais envelhecidas", refere em entrevista (*ver em baixo*).

No discurso de encerramento na apresentação do estudo, Leal da Costa admitiu a criação de "equipas multidisciplinares nos cuidados primários, de forma a garantir o seguimento de doentes crónicos, com interface contínua com hospitais". Além disso, a intenção é "deslocar quando necessário os especialistas para os centros de saúde, havendo mobilidade de profissionais e a criação de unidades de cuidados na comunidade em cada concelho", entre outras medidas previstas.

Este tipo de cuidados já era prestado em casos pontuais em alguns centros de saúde, uma vez que havia alguns profissionais de outras especialidades – como psi-

cólogos, nutricionistas, estomatologistas ou ginecologistas – ligados aos agrupamentos de centros de saúde, mas o número é reduzido (eram mil ao todo há alguns anos).

De acordo com os dados do estudo, que o DN publicou na edição de ontem, há 3,7 milhões de consultas hospitalares e 2,7 milhões de urgências que podiam ter resposta nos centros de saúde. Uma mudança que pode precisar de 20 anos para ser implementada mas que permitirá poupar 372 milhões de euros.

O médico José Luís Biscaia disse ontem que essa transferência não pode ser direta e que têm de ser definidas prioridades em saúde. "Todas as decisões políticas devem ser assentes em evidência" e avaliadas. Um exemplo que dá é o das unidades de saúde familiares, cujos ganhos são evidentes mas que não têm sido avaliados.

4 PERGUNTAS A...

"Além da poupança há ganhos em saúde"



FERNANDO LEAL DA COSTA
Secretário de Estado da Saúde

De que forma é possível dar resposta nos cuidados primários à dimensão de consultas que surge neste estudo?

Tem de haver capacidade para isso, já que além da poupança de custos há ganhos em saúde. O que acontece é que muitos doentes vão à urgência e continuam a ser seguidos nos hospitais. Temos

criado condições para que todos os utentes tenham médico de família, para que não vão à urgência e fiquem por lá, porque sabem que têm uma panóplia de cuidados. Por outro lado, criamos uma plataforma de dados em saúde para tornar acessível aos médicos a informação sobre os doentes e impedir a duplicação de exames de diagnóstico. **E como levar os médicos dos hospitais a enviar para os cuidados primários?**

Criando um sistema que permita que as notas e os dados dos hospitais sejam acessíveis aos centros de saúde. Através da consulta a tempo e horas queremos ainda que os médicos de família remetam sempre os doentes via eletrónica para o hospital.

E há consultas de especialidade que podem ser realizadas nos centros de saúde?

Podemos replicar o modelo da saúde mental, com vista ao acompanhamento de doentes idosos, na área cardíaca, doenças metabólicas como diabetes ou obesidade. Há circunstâncias favoráveis para consultas de pediatria. E pode haver consultoria, com reuniões semanais com especialistas para seguimento de doentes ou serem tiradas dúvidas. Tudo pode ser feito em paralelo com a telemedicina, em áreas como a dermatologia e cardiologia.

E para quando este apoio?

Em 2013 iremos dar um salto qualitativo e criar condições para isso.